



Memórias do tempo do Liceu

50 ANOS DOS FINALISTAS DE 75/76



Fotografia histórica na escadaria do Liceu

Albina Maia, Alfredo Borba, Álvaro Melo, Álvaro Terra, Ana Perry Nava, Ana Paula Flores, Ângela Almeida, António Bulcão, António Macedo da Silva, António Mesquita, António Amarante ☩, Armando Resendes ☩, Armando Cardoso, Carlos Silveira, Carlos Melo, Carlos Adalberto Silva, Carlos Castro, Cecília Terra Nunes, Cidália Borges, Dina Garcia, Edgardo Goulart, Eduardo Rafael, Elmiro Silva, Emanuel Ramos, Ercílio Dias, Euclides Duarte, Eurico Melo e Silva, Fernando Cardoso, Filomena Mendonça, Francisco Jorge Silveira, Francisco Manuel Silveira, Glória Ferreira ☩, Guilhermina Serpa, Hélia Garcia, Hildebrando Silva, Isabel Madruga, Isilda Martins, João Alberto Andrade ☩, João Luís Andrade, João Peixoto ☩, João Lourenço da Silva, José Avelino da Rosa, José Carlos Mendes, José Delmiro Bettencourt ☩, José Gabriel Neves, José Pascoal ☩, José Humberto da Silva, José Évora Garcia ☩, José Pinto Lacerda ☩, José Manuel Oliveira, José Souto de Faria ☩, Laurindo de Oliveira ☩, Leodolfo Correia, Luís Pereira, Luís Menezes, Luís Sousa Carlos, Mel Gaspar, Mel Humberto da Silva, Mel Humberto Matos, Mel Joaquim Ribeiro, M.ª Antónia Melo, M.ª Belmira Freitas, M.ª do Carmo Goulart, M.ª do Céu Silva, M.ª da Conceição Camacho, M.ª da Conceição Pereira, M.ª da Conceição Quaresma, M.ª da Conceição Silveira, M.ª da Conceição Gomes, M.ª Emília Macedo, M.ª de Fátima Bettencourt, M.ª de Fátima Escobar, M.ª de Fátima Freitas, M.ª de Fátima Costa, M.ª de Fátima Pereira, M.ª de Fátima Tavares, M.ª Fernanda Castro, M.ª Goreti Silva, M.ª da Graça Pereira, M.ª Isabel Predas, M.ª de Jesus Silva, M.ª de Lurdes Resendes, M.ª Manuela Pavão, M.ª Manuela Pedroso, M.ª Manuela Amorim, M.ª da Saúde Maciel, Mário Araújo, Natércia Pereira, Orlando Rosa, Orlando Amaral e Simas ☩, Ramiro Zeferino, Reginaldo Garcia, Renato Azevedo, Rosalina Ávila, Rui Norberto Silva, Rute Lopes, Solange Santos, Tomás Goulart, Vasco Avelar, Vasco Andrade, Victor Santos, Vítor Soares, Zélia Pereira, Rui Leal, Luís Macedo ☩, Arnaldo Machado, Celina Viveiros, Lucinda Ferreira ☩, Rosa Batoréu.



Vencido o 7.º ano, a *cidade do Liceu* voltou a acolher a saga da recordação da grande partida para a vida real...

Tempo de um arco histórico único, iniciado com o grande *salto* da entrada para o Liceu. Arco histórico que desperta hoje uma cultura da saudade. De si, do outro, do lugar e das primeiras autonomias. Memórias e anseios *afagados* na fruição do reencontro e da partilha que se renova em cada regresso. Movimento inconfundível, que se repete sem repetição.

Mais um grupo-geração, os Finalistas de 1976 do Liceu da Horta, vieram cumprir o ritual e o apelo. Acrescentará história à Memória do Liceu. Bem hajam todos os que se lembraram e todos os que agiram para que este movimento continue a cumprir o regresso, sempre na expectativa do reencontro do que em cada um não mudou... mesmo que seja só aquele sorriso!

Uma palavra de grande apreço aos promotores da festa de mais este regresso a 1975/76 na *cidade do Liceu*, António Mesquita, Isabel Predas, Lurdes Resendes, Maria de Jesus Silva e Renato Azevedo.

50.º ANIVERSARIO DOS FINALISTAS 1975-1976

Mensagem da Comissão Organizadora



No passado dia 7 de agosto, os Alunos Finalistas de 1975-1976 do Liceu Nacional da Horta celebraram o 50.º Aniversário da conclusão do então Curso Complementar dos Liceus.

Durante estes 50 anos manteve-se viva a ligação do grupo que se foi reunindo, em maior ou menor número, consoante a disponibilidade de cada um, aos 10, 20, 25, 30 e 40 anos – e agora, aos 50, para celebrar as “Bodas de Ouro”.

Foram momentos verdadeiramente inesquecíveis de reencontro e de confraternização entre colegas oriundos de quatro ilhas – Faial, Pico, São Jorge e Graciosa.

Alguns desses colegas, como facilmente se compreende, vivem atualmente noutras ilhas, no continente ou mesmo na nossa Diáspora, tendo-se deslocado propositadamente ao Faial para participar nesta comemoração tão especial.

O programa teve início com uma Missa de Ação de Graças, celebrada por Monsenhor António Saldanha, pároco da Matriz da Horta, em memória dos colegas e professores deste grupo, que já partiram. Esta cerimónia, muito participada, constituiu um momento de profunda emoção e gratidão por todos aqueles que fizeram parte da nossa caminhada e que, embora ausentes, permanecem vivos na nossa memória.

Seguiu-se uma romagem ao antigo Liceu Nacional da Horta, cujas instalações se encontram atualmente sob a gestão da Escola Básica Integrada da Horta. Por especial gentileza do Sr. Presidente do Conselho Executivo, Hildeberto Peixoto, foi possível visitar o local e, junto ao chamado “Edifício Velho”, registar para memória futura, uma fotografia de grupo.

Ali, perante as paredes que testemunharam uma importante etapa das nossas vidas, regressámos, por breves instantes, aos anos da nossa juventude. Vieram à memória tantos episódios, amizades e momentos marcantes vividos nas icónicas “arcadas” do antigo Ginásio, entretanto desaparecidas, mas que continuam bem presentes nas nossas recordações.

O dia terminou no Hotel do Canal, com um jantar de convívio e confraternização.

À mesa, entre sorrisos, abraços e muitas histórias, foram-se avivando lembranças de outros tempos.

Reencontrámo-nos não apenas como antigos colegas, mas como amigos unidos por uma história comum e por vivências que cinco décadas não conseguiram apagar.

Despedimo-nos, já com saudade, mas com a certeza de que ficam connosco as memórias de todos os momentos partilhados e a esperança de nos voltarmos a reunir.



Imagem recordando a Missa de Ação de Graças na Igreja Matriz da Horta em sufrágio dos colegas e professores falecidos. À direita do Monsenhor António Saldanha, que celebrou a missa, encontram-se os professores Fátima Baptista e Fernando Ribeiro

O elogio do essencial



Este texto tem 22 anos! O autor, convidado da ES Manuel de Arriaga para o ciclo de conferências integradas nos 150 anos (2001-2004) da criação do Liceu da Horta, foi o último a intervir. O seu encargo era diferente dos restantes autores. Não lhe competia reunir memórias do tempo do Liceu. Mas, já em tom de mudança, atento aos *tempos de passagem*, consciente dos desafios da jovem plateia convidada, trouxe a sua experiência, que *enriqueceu* com o legado de atitude resiliente dos seus pais perante a vida (ambos prestigiados investigadores no DOP do *campus* da Univ. dos Açores no Faial).

O autor, Joaquim Rost Ávila Martins, hoje *full* Professor da Universidade de Michigan, nos EUA, apesar da esperada resistência de um académico sobre a divulgação de um trabalho muito antigo, aceitou autorizar este pedido porque lhe foi assegurado manter-se a *frescura* original das razões que o motivaram. E mais. Aceitou o título que lhe foi proposto – *o elogio do essencial*.

Caros Alunos e Alunas, Pais, Professoras e Professores...

Quando recebi o telefonema da Professora Natália Costa Pereira a convidar-me para vir celebrar os 150 anos da Escola convosco, a minha primeira reacção foi uma de embaraço. Estaria muito mais à vontade a falar sobre material mais técnico. Além disso nunca tive jeito para a filosofia. Bem, só espero não desapontar demasiado os meus professores de português.

É com grande gosto que estou aqui, 14 anos depois de ter completado o décimo segundo ano e é bom ver que quase todos os meus professores ainda cá estão a ensinar em grande forma.

Como imaginam que era Escola nos anos 80? A escola, pelo que ouvi, não mudou muito: a infraestrutura e o sistema são mais ou menos os mesmos. Mas a corrente moda, a música que vocês ouvem hoje, é certamente diferente!

A maior diferença que identifico é a tecnologia: telefones móveis, correio electrónico e a internet. Nós não tínhamos acesso a nenhum destes meios de comunicação... e tínhamos só *um* canal de televisão. A rapidez e facilidade com que hoje se pode comunicar e aceder a informação traz obviamente grandes vantagens, especialmente para um local isolado como a nossa ilha.

Há, no entanto, aspectos negativos. Um dos efeitos desta cultura de alta velocidade são as distrações constantes que reduzem a nossa capacidade de concentração. A existência de grandes quantidades de informação de baixa qualidade é outro aspecto negativo. É importante usar estes avanços tecnológicos de maneira positiva e tomar atenção à qualidade da informação que consumimos e também a qualidade da nossa comunicação com os outros.

Recuando duas gerações antes da minha (duas gerações e meia em relação à vossa), encontramos diferenças ainda maiores. Esta era a geração do meu Pai, que acabou o liceu nos fim dos anos 30, tempo em que se ia para “o Continente” de navio. O meu Pai foi o único da sua família a acabar o liceu, e acabou por se tornar Professor Universitário. Ele teve uma vida árdua, que me faz sentir como um rapaz estragado em comparação. Vou-vos ler agora um excerto das memórias do meu Pai, que conta o que se passou depois de ele ter chumbado o último ano do liceu.

“Vi os amigos e antigos colegas partirem para as Universidades e, no Pico, fiquei aguardando uma solução. Mas não de braços cruzados, tal era a minha vontade de continuar. Fiquei no Pico desde o Verão de 1937 até ao final do ano seguinte. Foi um dos períodos que mais importância tiveram na minha vida. Um período de reflexão, durante o qual tive de pôr à prova as minhas capacidades de agir. Tentei arranjar um empréstimo de dinheiro para poder tirar um curso universitário mas em vão. Mas tive sempre esperança de que encontraria meios para continuar. O tempo, esse foi, de facto, bem aproveitado. Sem descurar o trabalho da terra com a minha família, meti-me a estudar, a estudar por mim, principalmente matemática, física e química, disciplinas em que, no liceu, tivera fracas notas com as quais nunca me havia conformado. Tive de provar a mim próprio as injustiças que atribuíra aos professores que tivera no liceu.

Apenas à laia de parêntesis, quero, muito rapidamente, mencionar as causas dos maus tratos dos professores em Angra: ser eu, declaradamente, anti-Salazar confesso. Isto, durante a guerra civil de Espanha, em que uma situação destas era, irremediavelmente, rotulada de comunista.

Mas, voltando ao meu ano de “degredo” no Pico. Agarrei-me aos livros que tinha, comprei outros, alguns – e bons – encomendados de França (alguns dos quais ainda conservo em meu poder). Foi assim que percebi coisas que nunca dantes entendera devidamente. Foi aqui que tomei verdadeiro gosto pela química, que me ficou para sempre. Tanto na química orgânica como na inorgânica aprendi a escrever todas as fórmulas de que necessitava sem ter que as memorizar, a que tinha sido obrigado no Liceu. Com a matemática sucedeu o mesmo. E, de tal modo que, no exame final, que acabei por fazer no liceu de Coimbra, nos dois pontos escritos que na altura se faziam, tive 20 num e 18 no outro.

Passei bastante tempo a contas com os meus livros e cheguei a montar um laboratório rudimentar, com material adquirido aqui e além. Tentei muitas experiências com que me ia entretendo, procurando repetir os trabalhos práticos de física e de química tinha feito no Liceu. Isto, além de outras que iam surgindo, em tentativas ao acaso, até um dia em que, procurando preparar cloro, ocorreu uma explosão que rebentou dois dos balões de vidro que possuía. Só mais tarde, na Universidade, consegui a explicação para a reacção responsável pelo acidente.

Lembro-me de ter feito refrescos gasificados e até tabaco americano, embebendo a folha do tabaco normal do Pico (em folha) numa mistura aromática mais ou menos complexa que realmente transmitia aroma muito semelhante ao do tabaco americano de então. Só que este meu tabaco ardia muito mal. Grande parte do meu estudo era feito de noite, à luz da lâmparina de petróleo ou de velas, porquanto, a electricidade só viria a São João do Pico 40 anos depois.”

Aproximadamente 50 anos depois, quando eu próprio me encontrava nos últimos anos do liceu, a vida parecia cheia de potencial, com mil e uma boas possibilidades. Este estado de espírito levou-me a perguntar ao meu Pai: “Se o Pai pudesse voltar atrás e ter a minha idade outra vez e começar tudo de novo... não seria bom?” A resposta dele surpreendeu-me. “Nem pensar! Passar por tudo aquilo outra vez? Além disso estou muito satisfeito com o resultado final.”

E agora pergunto-vos: vocês, que vão fazer depois do liceu? Arranjar emprego? Ingressar numa universidade? Fazer um outro tipo de curso? Sair do Faial, ou ficar no Faial? Sair de Portugal? Não há *uma* resposta que seja certa para todos, cada um de vocês é que sabe o que quer, e o que vos dará satisfação no fim da vossa história. O importante é que sigam o que querem: não se deixem intimidar e sejam persistentes. E é preciso ter objectivos. Objectivos definidos por vós próprios, e por mais ninguém. Objectivos que estejam em sintonia com a vossa maneira de ser, e com aquilo em que vos dá satisfação.

(cont.)

O ELOGIO DO ESSENCIAL (Cont.)

Algumas pessoas pensam que é também preciso ter “sorte”. Aqui escrevi sorte entre aspas, porque tenho uma perspectiva mais racional em relação àquilo que normalmente chamamos sorte. Eu acredito que as pessoas criam a sua própria sorte através de certos princípios básicos. A habilidade de notar oportunidades é crucial. Muitas oportunidades aparecem para todos, mas só certas pessoas as reconhecem e tiram proveito delas. Uma outra característica de pessoas com sorte é que tomam boas decisões usando a sua intuição. Pessoas que se consideram bem sucedidas normalmente são optimistas e criam um ambiente no qual aquilo em que acreditam, se torna realidade. Finalmente, este optimismo é essencial quando as coisas não correm como previsto. Nestes casos é quase sempre possível ver os aspectos positivos de um desastre. A maneira mais fácil é dizer: “olha, podia ter sido muito pior”.

Depois de completar o liceu fui passar um ano lectivo a estudar na Noruega, país donde a minha Mãe é natural. Na altura eu pensava que viajar era um desperdício de dinheiro. Porquê viajar? Eu já vejo tudo na televisão! Mas rapidamente mudei de opinião à medida que fui tendo cada vez mais contacto pessoas e culturas de diferentes países. A minha perspectiva em relação à minha existência no Faial era de estar dentro de uma bolha transparente donde se pode observar o Mundo sem contacto directo com o exterior. “Lá fora” é a expressão que usamos, e que reforça esta noção da bolha.

Notem que não é necessário viajar para ser bem sucedido, e ter ideias de impacto global. Um bom exemplo disto foi o compositor Johann Sebastian Bach, que nunca saiu da Alemanha mas que no entanto se manteve a par dos diversos estilos de música do período e que criou um novo estilo verdadeiramente original. Encontramos um exemplo análogo nas ciências em Isaac Newton, que nunca saiu da vizinhança de Cambridge e Londres, e cujas ideias revolucionaram a descrição do Universo.

Nos anos que se seguiram à minha saída do Faial procurei a todo o custo viajar o mais possível. Um dia, pelas férias de Natal, estava com minha família à mesa e diz o meu Pai: “Ó Quim, estás a devorar a vida como comes à mesa, tens que mastigar bem essa comida para a saborear, e fazer uma boa digestão”. Eu não fazia ideia nenhuma do que ele estava a falar! (Acontece frequentemente entre pais e filhos adolescentes, não é?) Eu tinha passado os dois Verões anteriores a trabalhar em países diferentes, e não via nenhum problema com isso.

Foi só alguns anos mais tarde, quando conheci a minha mulher, e adoptei uma vida um pouco mais sedentária, que comecei a aperceber-me do significado do que o meu Pai tinha dito. Explorar o espaço físico é uma coisa, mas há um outro mundo, potencialmente muito mais vasto a explorar: nós próprios, a nossa mente, o nosso comportamento e como nos relacionamos com as outras pessoas.

Enfim, há coisas que os vossos pais vos dizem hoje que só vos farão sentido mais tarde. Pais: não desesperem e não desistem, os vossos filhos darão finalmente conta do recado. Bem, talvez. . .

O tema final que eu gostaria de abordar aqui é o processo de aprendizagem. Há cerca de oito anos atrás, depois de acabar o meu curso de engenharia, voltei ao Faial por cerca de nove meses e resolvi dar explicações a alunos de liceu.

Um dos meus primeiros clientes foi um rapaz que andava na altura, no décimo ou décimo primeiro ano. Vieram a minha casa os Pais dele e o rapaz seguia cabisbaixo.

O pai dirige-se a mim e começa: “Ó Senhor Engenheiro...”. Bem, eu quase desatei a rir, porque nunca me tinham chamado “Senhor Engenheiro”, e eu não estava (e ainda não estou) habituado a tantas cerimónias. E continua o pai do rapaz: “...o meu filho é um desastre, no primeiro período teve negativas em Português, Filosofia, Física e Matemática, o que pode fazer por ele?”. “Bem,” – respondi – “não posso ajudar com o Português e a Filosofia, mas posso dar explicações nas outras duas disciplinas.”

Começamos no dia seguinte. A primeira coisa a fazer foi tentar resolver os exercícios que eram passados como trabalho para casa. É muito tentador, como professor, de explicar como fazer o problema do princípio ao fim através de um monólogo. É a maneira mais fácil e é o método que resulta em menos frustração para o explicador, mas não é geralmente a melhor estratégia do ponto de vista didáctico.

Com este rapaz, foi só preciso um pouco de orientação para que ele fizesse uso de uma capacidade de raciocínio que ele não sabia que tinha.

Por falar em capacidade... até os de vocês com mais mania pensam que são capazes disto (gesto a indicar um pouco). Os vossos pais (pelos menos a maior parte dos pais, espero!) pensam que são capazes disto (gesto a indicar um pouco mais)... A verdade é que cada um de vocês é capaz de muito mais! (gesto a indicar muito mais).

Voltando às explicações, pergunto ao rapaz:

– “O que diz a segunda lei de Newton?”

– “A força é igual à massa vezes a aceleração.”

– “Porquê? Isso faz algum sentido?”

– “Não sei, é o que está escrito no livro. . .”

– “Imagina que estás no treino de andebol, compara rematar a bola normal e uma bola mais pesada...”

E eram assim as explicações. Às vezes, a resolução de um problema relativamente simples durava a hora inteira, mas não era uma hora mal aproveitada porque o rapaz tinha resolvido o problema por si mesmo (ou quase) e acabava por perceber a matéria em vez de simplesmente a decorar.

Não demorou muito tempo para que o rapaz notasse que eu lhe perguntava sempre “Porquê?”, depois de cada resposta dele, quer a resposta fosse certa ou errada. Então ele próprio começou a perguntar “Porquê?”, sempre que as minhas explicações eram incompletas ou mencionavam um novo tema. A simples pergunta: “Porquê?” tem um poder enorme. Estudantes: nunca tenham medo de a perguntar, e nunca aceitem “porque sim” ou “porque não” como resposta.

Incentivar perguntas deste tipo pode sair pela culatra. Aliás posso dizer que acaba sempre por acontecer: o aluno acaba sempre por fazer-nos uma pergunta para a qual não temos resposta. A melhor solução neste caso, é responder “não sei”, procurar a resposta, e explicá-la mais tarde.

Além de incentivar o processo de perceber, eu tentei também dar a este rapaz independência, e a partir de certa altura, quando ele me fazia certas perguntas, eu retorquia: “Procura a resposta no teu livro, se não a encontrares no livro, procura na enciclopédia”.

Pelo que ouvi o rapaz acabou o liceu com sucesso. Eu acho que a melhor lição que ele levou foi que ele era capaz de aprender por si próprio, e assim eu, o explicador, tornei-me redundante. A melhor lição que eu aprendi foi que *ensinar* é verdadeiramente a melhor forma de *aprender*.

Gostaria de terminar com as palavras de um dos grandes filósofos (ou melhor sociólogos) do nosso tempo, Gabriel o Pensador, tiradas da sua canção intitulada “Estudo Errado”. Desculpem, mas eu não vou cantar, porque não tenho jeito para hip-hop, muito menos com sotaque brasileiro. Aqui vai:

“Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci:

Decorei, copiei, memorizei mas não entendi.

Mas os velhos me disseram que o porquê é o segredo.

Então quando eu não entendo nada, eu levanto o dedo,

Porque eu quero usar a mente p’ra ficar inteligente.

Eu sei que ainda não sou gente grande, mas eu já sou gente.

E sei que o estudo é coisa boa.

O problema é que sem motivação, a gente enjoa.”

Joaquim Rafael Rost Ávila Martins
Horta, 14 de Maio de 2004

ARQUIVO HISTÓRICO DO LICEU DA HORTA

A importância das suas séries documentais



Aspecto do arquivo histórico do liceu já instalado na Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça. Conjunto dos livros de ponto. Foto: Ângela Silva



Foi há cerca de cinco anos e meio que se procedeu à incorporação do arquivo histórico do Liceu da Horta na Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça. Na BPARJJG encontra-se o fundo do Liceu num estado de recuperação da sua organicidade através dos cuidados de preservação e do tratamento arquivístico que lhe são aplicados.

De acordo com a portaria número 1310/2005, de 21 de dezembro, dos Ministérios da Educação e da Cultura, o espólio documental dos liceus está estruturado em diferentes áreas temático-funcionais: a) administração e gestão, b) atividade científico-pedagógica, c) pessoal discente, d) apoio educativo, e) funcionamento geral, f) recursos humanos, g) recursos financeiros, h) ação social escolar. Em cada uma destas grandes áreas dominam as séries documentais. São elas que tratam do agrupamento dos documentos que entre si são semelhantes, quer na forma quer na função para a qual foram criados. A série projeta na linha do tempo informação, em cadeia, respeitante ao mesmo assunto.

Por exemplo, os livros de atas do conselho administrativo, de 1919 a 1973, representam a ideia de uma série ao nível da administração e da gestão do Liceu. Mais antigo, porém, é o conjunto de livros de atas do conselho escolar, o qual inicialmente se auto designava por conselho do Liceu, cujas datas extremas são 1854 e 1975. A atividade científico-pedagógica encontra o seu reflexo, por exemplo, na série de livros de atas dos conselhos de professores dos diversos anos, classes e ciclos, de 1895 a 1978, ou no conselho pedagógico e disciplinar, que possui atas lavradas entre 1936 e 1957.

A mais profícua de todas as áreas é aquela onde estão incluídos os documentos que dizem nominalmente respeito aos alunos. Termos de exames de admissão aos liceus, 1852-1967, termos de matrícula e de frequência, 1852-1968, boletins de inscrição e folhas de frequência, 1969-1974, são algumas das séries mais completas. É, todavia, a dos livros de ponto, 1928-1978, a mais extensa de todas elas. No outro extremo, a documentação respeitante ao apoio educativo pouco espaço ocupa. Dizem-nos os livros que 1852-1853 terá sido o ano letivo inaugural. O primeiro livro da série de termos de matrícula refere que, no dia 9 de dezembro (10.º bro no original) de 1852, foi efetuada a matrícula de 32 alunos na primeira cadeira (de língua portuguesa e latim, salvo erro) e a de 12 na segunda (línguas inglesa e francesa). O aluno número 1 da 1.ª cadeira foi um António José de Medeiros, de 15 anos de idade.

No domínio do funcionamento geral estão integradas, para além de outras, as diferentes séries da correspondência enviada e recebida e os inventários de material. Encontram-se sob a tutela dos recursos humanos as séries documentais relativas aos registos individuais dos professores e do restante pessoal. Predominam neste campo os registos de assiduidade e os termos de posse. Através destes instrumentos sabe-se que entre 1934 e 1958, pelo menos, existiu no Liceu um médico escolar. Dependem dos recursos financeiros as séries de orçamentos, contas correntes, vencimentos, emolumentos, etc. Refeitório, transportes e papelaria são as faces principais das séries da ação social escolar.

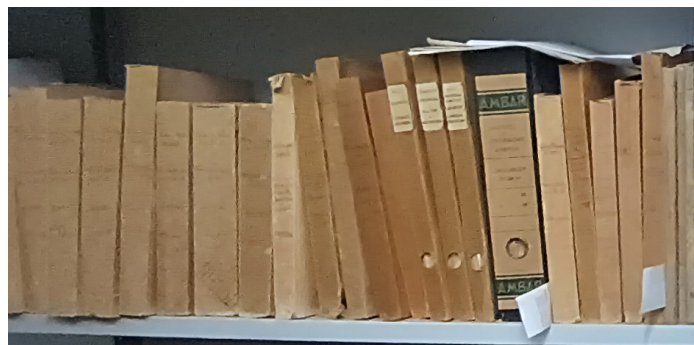
Esta é apenas uma pequena amostragem do conteúdo que se encontra depositado na BPARJJG. Todo este peso documental é o resultado da sucessiva acumulação de papel efetuada em mais de 100 anos de atividade: 1852-1977. Alguma informação estará ainda sujeita ao RGPD, o conhecido regulamento que protege os dados pessoais. Documentos há cujo estado de conservação não permite o manuseio despreocupado do papel. Estas duas situações mostram-nos que há diferentes níveis no acesso ao suporte e à própria informação nele contida.

A documentação não nos contará como se terá sentido o tal António José de Medeiros quando entrou no Liceu pela primeira vez. Contudo, muitíssimo tem a revelar sobre o percurso escolar de centenas de alunas e alunos, as matérias lecionadas, o nome das professoras e dos professores que se dedicaram a esta nobre arte do ensino e da educação, a marca administrativa deixada ao longo do tempo e tudo o mais acerca deste respeitável universo criado pelo Liceu da Horta.

Não foi utilizada a IA neste texto

Luís Sousa

Chefe de divisão de arquivos da BPARJJG



Portmensor do arquivo histórico do liceu. Foto: Ângela Silva

Há 26 anos, o Instituto Histórico da Educação referiu que o acervo do Arquivo do Liceu da Horta tinha valor nacional. Há 15 anos a representação da Universidade Aberta no Faial entregou ao Arquivo Regional da Horta o arquivo da Escola do Magistério Primário da Horta (extinta em 1989). E, em 2022, concluído o processo de cessão, finalmente o arquivo histórico do Liceu (extinto em 1977) conheceu a *proteção* do Arquivo Regional. Foi publicamente apresentado na sessão em que se assinalaram os 25 anos da AAALH.

Este olhar cronológico traz um apelo subjacente centrado na importância de um pensar diferente sobre os registos dos *passados* do liceu.

Nesse sentido, o presente texto do Dr. Luís Sousa deve ser visto como um *porto seguro* para os ensaios desejados na construção da História e da Memória do Liceu da Horta.

IN MEMORIAM

RECORDANDO FERNANDO MENEZES



Fernando Menezes (1952-2026). Antigo aluno do Liceu da Horta (1963-1970). Licenciado em Direito (Universidade de Lisboa). Advogado. Atingiu o topo da hierarquia política açoriana por ter sido eleito Presidente do Parlamento da Região Autónoma dos Açores. Foi Sócio Honorário da AAALH devido, em particular, à acção relevante nos projectos sobre Manuel de Arriaga e sobre os 150 anos da criação do Liceu. Foi Professor na Universidade Sénior do Faial de 'princípios gerais do Direito'.

Iniciou o seu interesse pela obra de Manuel de Arriaga com o apoio à reedição da obra poética icónica *Cantos Sagrados*, apresentada pelos Professores Sérgio Campos Matos e J. L. Brandão da Luz, em sessão dedicada aos deputados regionais.

Foi grande apoiante do Colóquio *O Tempo de Manuel de Arriaga*, organizado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa. Empenhou-se no processo de concessão das *Honras de Panteão* a Manuel de Arriaga, 1.º Presidente da República.



Fernando Menezes apoiou a exposição fotográfica dos 150 anos do Liceu



Fernando Menezes preside a sessão sobre os 150 anos do Liceu (lançamento da obra sobre a História do Liceu de Carlos Lobão e A. Sampaio da Nóvoa e diploma de Sócia Honorária a Zoráida Saldanha)



Fernando Menezes nos EUA (Rhode Island) a convite das AA's da Costa Leste e Canadá



Fernando Menezes preside à homenagem ao escritor cabo-verdiano Manuel Lopes. Organização de Alzira Silva, Directora Regional das Comunidades



Fernando Menezes recebe o diploma de Sócio Honorário da AAALH entregue pelo Presidente da AG Eng. Aurélio Machado (Casa dos Açores em Lisboa)

